

Educação e construção identitária da personagem central do romance *Estela sem Deus* de Jeferson Tenório

Education and identity construction of the central character of the novel *Estela sem Deus* by Jeferson Tenório

Educación y construcción de la identidad del personaje central de la novela *Estela sem Deus* de Jeferson Tenório

ÂNGELA MARIA LIMA DE GOUVÊA, ANISIO ASSIS FILHO, LUIZ EDUARDO PAULINO DA SILVA

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X

<https://www.eduser.unipb.pt>

Educação e construção identitária da personagem central do romance *Estela sem Deus* de Jeferson Tenório

Education and identity construction of the central character of the novel *Estela sem Deus* by Jeferson Tenório

Educación y construcción de La identidad Del personaje central de la novela *Estela sem Deus* de Jeferson Tenóri

ÂNGELA MARIA LIMA DE GOUVÊA¹

ANISIO ASSIS FILHO²

LUIZ EDUARDO PAULINO DA SILVA³

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Brasil; <https://orcid.org/0009-0000-9268-3758>; angelaagouvea@gmail.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3671-3278>; anisioassisfilho@gmail.com

³ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0715-5550>; paulino.jesus@unifap.br

Contribuição

¹ Conceitualização; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Redação - Rascunho Original; Redação - Revisão e Edição.

² Redação - Revisão e Edição Administração do Projeto; Redação - Revisão e Edição; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Supervisão; Visualização.

³ Revisão e Edição; Visualização.

Submetido: 31/maio/2026

Aceite: 21/setembro/2026

Publicado: 19/outubro/2026

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise sobre o romance *Estela sem Deus*, do autor Jeferson Tenório (2022) na qual buscou-se demonstrar as experiências da formação educativa e da construção identitária como pilares capazes de alterar o "exorcismo" imputado ao corpo feminino negro. Nesta produção, objetivou-se reconhecer como uma obra literária a narrativa ficcional em primeira pessoa de uma adolescente, exposta a diversas vulnerabilidades e, por conta delas, a constantes migrações, cria e revela sentidos da relação do corpo e da mulher negra na sociedade brasileira nos primeiros anos da década de 1990. Como aportes teóricos o presente estudo se fundamenta em diversos textos teóricos que discutem a receptividade social do corpo negro; o problema da identidade no século XX; as questões relacionadas ao feminismo e ao gênero feminino; a filosofia da diferença, tendo como exemplo a representação literária; a literatura contemporânea brasileira que tematiza corpos e heterotopias marginais e a importância de trazer estas produções literárias ao debate e, assim, construindo um novo currículo escolar que oportunize a visibilidade e representação da mulher negra no Brasil. Por fim, esta produção apresenta uma análise que objetivou alicerçar seus argumentos a partir da exploração e interpretação da obra literária de

Jeferson Tenório, no seu livro *Estela sem Deus* (2022) e observar como a literatura problematiza a identidade da mulher negra no Brasil e o papel da educação na formação da subjetivação feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Identidade; Literatura; Jeferson Tenório; *Estela sem Deus*.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the novel *Estela sem Deus*, by the author Jeferson Tenório (2022), in which the aim was to demonstrate how educational experiences and the construction of identity serve as pillars capable of altering the 'exorcism' imposed on the Black female body. In this production, we aim to recognize how a literary work, the fictional narrative in the first person of a teenager, exposed to various vulnerabilities and, because of them, to constant migrations, creates and reveals meanings of the relationship between the body and the Black women in Brazilian society in the early 1990s. As theoretical contributions, this study is based on several theoretical texts that discuss the social receptivity of the Black body; the problem of identity in the 20th century; issues related to feminism and the female gender; the philosophy of difference, using literary representation as an example. Furthermore, it also examines contemporary Brazilian literature that addresses marginalized bodies and heterotopias, highlighting the importance of bringing these literary works into the debate and thus building a new school curriculum that provides visibility and representation for Black women in Brazil. Finally, this work presents an analysis that aimed to ground its arguments in the exploration and interpretation of Jeferson Tenório's literary work, in his work *Estela sem Deus* (2022), and to observe how literature problematizes the identity of Black women in Brazil and the role of education in the formation of female subjectivation.

KEYWORDS: Education; Identity; Literature; Jeferson Tenório; *Estela sem Deus*.

RESUMEN: Este artículo presenta un análisis de la novela *Estela sem Deus*, del autor Jeferson Tenório (2022), en la que se buscó demostrar las experiencias de la formación educativa y de la construcción identitaria como pilares capaces de alterar el "exorcismo" imputado al cuerpo femenino negro. En esta producción, pretendemos reconocer cómo una obra literaria, la narración ficticia en primera persona de una adolescente, expuesta a diversas vulnerabilidades y, debido a ellas, a migraciones constantes, crea y revela significados de la relación entre el cuerpo y las mujeres negras en la sociedad brasileña a principios de la década de 1990. Como contribuciones teóricas, este estudio se basa en varios textos teóricos que discuten la receptividad social del cuerpo negro; el problema de la identidad en el siglo XX; cuestiones relacionadas con el feminismo y el género femenino; la filosofía de la diferencia, utilizando la representación literaria como ejemplo; este estudio examina la literatura brasileña contemporánea que aborda los cuerpos marginados y las heterotopías, destacando la importancia de incorporar estas obras literarias al debate y, por ende, construir un nuevo currículo escolar que brinde visibilidad y representación a las mujeres negras en Brasil. Finalmente, este trabajo presenta un análisis que busca fundamentar sus argumentos en la exploración e interpretación de la obra literaria de Jeferson Tenório, en su libro *Estela sem Deus* (2022), y observar cómo la literatura problematiza la identidad de las mujeres negras en Brasil y el papel de la educación en la formación de la subjetivación femenina.

PALABRAS CLAVE: Educacción; Identidad; Literatura; Jeferson Tenório; *Estela sem Deus*.

1. Introdução

Este artigo apresenta uma análise sobre o romance *Estela sem Deus* (2022), do autor Jeferson Tenório na qual buscou-se demonstrar as experiências da formação educativa (ou da falta desta) e da construção identitária como pilares capazes de alterar o "exorcismo" imputado ao corpo feminino negro. A referida narrativa de Jeferson Tenório exemplifica, ficcionalmente, a vida de parcela significativa de mulheres negras no Brasil urbano, nas médias e grandes cidades. Estas famílias têm na figura da mulher *cis* o centro de sua existência e de seu desenvolvimento, tanto do ponto de vista econômico, afetivo, moral, religioso, quanto de várias outras dimensões socioculturais.

Analisar o romance contemporâneo *Estela sem Deus* (2022) permite adentrar na discussão sobre a marginalidade vivenciada pelas pessoas negras do nosso país, sobretudo, pelas mulheres negras, que, quase sempre, são mães *solae* e, portanto, esteio emocional, social e financeiro das suas famílias. Neste artigo, optou-se pelo uso das expressões mãe *sola*/mães *solae* (este adjetivo em latim), por entendermos que melhor representam as condições vivenciadas por muitas mulheres que têm filhos e os criam alheias ao suporte e convivência de uma figura paternal, em lugar da expressão comumente difundida "mãe solteira".

Ao observar a construção identitária desta personagem feminina também vislumbra-se como a sociedade dita "os termos que tornam o autorreconhecimento possível" (Butler, 2005, p. 22), antecipando, com isso, as "nossas possibilidades subjetivas. Nossa relação conosco e com os outros é, em parte, realizável apenas na moeda discursiva *esotérica* – como qualificações, categorizações e performances; essa moeda é alocada a alguns e negada a outros" (Ball, 2025, p. 2). É o que está materializado na construção de Estela, a personagem central de *Estela sem Deus* (2022). Nas várias cenas e situações desta narrativa e, a partir dela, se percebe os enfrentamentos do corpo feminino face à superestrutura machista e misógina. É possível inferir e entender não só os contextos em que este corpo transita e é obstaculizado, mas também as vias culturais que ele percorre e a sua falência em superar o "exotismo" e o mutismo, recorrentes lugares e modos sociais de tratar o corpo da mulher negra, o corpo feminino.

Mais do que operar um "lugar" no mundo, determinados corpos parecem "teimar" em querer desejar metas (que a estes parecem) absurdas, parecem "teimar" em estar em lugares ditos proibidos ao seu existir, alheios a outras oportunidades, "teimam" em vislumbrar quereres e conquistas que, a todo momento, parte da sociedade exija como parâmetro de qualidade. Porém, contrariamente, lhes negam ou obliteram ou lhes fazem ser "incompatíveis" na sua ocupação, como se certos corpos não pudessem sequer desejar fora das premissas de determinada matriz. É o que projeta *Estela*, personagem central e narradora do referido romance, pois está sempre em deslocamento, sempre disruptiva, sempre refundando seu estado, o seu *estar* no mundo. Bauman (2005) já apontava que esta "transitividade" está relacionada, dentre outros, aos aspectos como o colapso do Estado de bem-estar social e o posterior crescimento da sensação de insegurança advinda da "corrosão do caráter", gerada pelo capitalismo e pelo enfraquecimento das instituições democráticas.

Justifica-se o estudo porque a análise acurada do romance contemporâneo *Estela sem Deus* (2022) permite espriar a Literatura como a linguagem capaz de fazer refletir acerca das violências

sofridas/vivenciadas e sabidas pelo gênero feminino, as quais não devem ser naturalizadas, bem como estimula a vivacidade e a inquietação diante do mundo.

2. Metodologia

O presente estudo centra-se numa pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, baseada na análise da obra *Estela sem Deus* (2022), de Jeferson Tenório, debatida no LABEL – Laboratório de Educação e Literatura, grupo de pesquisa vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e cadastrado no CNPq. Este grupo se efetiva como um espaço de estudos e pesquisas voltado à análise da literatura no âmbito educacional, considerando suas relações com a formação de leitores, com as experiências formativas e com as narrativas produzidas pelos diferentes sujeitos sociais. A partir dessa perspectiva, o grupo busca investigar como as obras literárias possibilitam reflexões sobre a educação, a cultura, a sensibilidade e as experiências humanas presentes nos contextos escolares e sociais.

Este estudo apresenta uma análise que objetivou alicerçar seus argumentos a partir da exploração e interpretação da produção literária de Jeferson Tenório, em seu livro *Estela sem Deus* (2022), como já dito, em paralelo a um levantamento bibliográfico que nos pudesse oferecer recursos de leitura sobre conceitos como identidade, subjetividade, educação, entre outros. Posteriormente, seguir-se-ão as análises de apreciação crítica articuladas com as formulações teóricas pertinentes, envolvendo sempre o confronto de informações, textos e situações encontradas ao longo do trabalho, a fim de constituir reflexões significativas sobre o tema proposto.

Excetuando-se a Introdução e a Metodologia, o artigo está dividido em cinco partes, sendo as seções numeradas e nomeadas da seguinte maneira: 3. A construção identitária da personagem Estela; 4. (Des)lugar e desejo da personagem Estela; 5. Estela sem Deus; 6. Educação: substantivo feminino e 7. Considerações finais. Na terceira seção realizou-se uma discussão sobre os processos de marginalização vivenciados pelas pessoas negras do nosso país, sobretudo, pelas mulheres negras, que, quase sempre, são mães *solae* e, portanto, esteio emocional, social e financeiro das suas famílias. Na seção quatro discute-se o gesto da personagem *Estela* se perceber no mundo e da sua capacidade de transformação, a despeito dos diversos contextos de horror, abandono e dor impetrados contra o feminino. Na quinta seção, por sua vez, é exposto o questionamento da personagem narradora acerca dos dogmas religiosos, ao se lembrar das muitas violências sofridas e por não ter sido amparada por Deus. A sexta parte do artigo – Educação: substantivo feminino – traz a educação como elemento propulsor e subversivo na vida da personagem *Estela* que, a despeito de todas as contradições experienciadas, vislumbra o conhecimento como ferramenta potencial para libertá-la das opressões sabidas e vividas. Na seção dedicada às considerações finais é possível inferir a importância da obra de Jeferson Tenório, autor contemporâneo, que desestabiliza o discurso canônico, permitindo um debate sobre as opressões experimentadas pelo feminino cis.

Nesta produção objetivou-se reconhecer a construção identitária sobre e do corpo da mulher negra na obra literária *Estela sem Deus* (2022). A narrativa ficcional é apresentada em primeira pessoa por meio da enunciação de *Estela*, uma adolescente exposta a diversas vulnerabilidades, e, por conta delas, precisa fazer constantes migrações (da casa da avó – lugar de paz e afetividade – para uma casa isolada, cenário em que presencia a mãe ser violentada, depois para o apartamento de uma “madrinha” e deste para outro estado, para uma favela), permitindo, assim, a reflexão sobre outras condições de vida, mas similares nos seus contextos, nos gestos, nos perigos, e nos desejos.

Este artigo se fundamenta nos aportes teóricos dos textos: *Da próxima vez, o fogo* (2024), de James Baldwin; *Globalização: as consequências humanas* (2021) e *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* (2005), estes dois de Zygmunt Bauman; *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2023), de Judith Butler; *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença* (2007), de Michael Peters; *Pedagogia do Oprimido* (2024), de Paulo Freire; *Sujeito/disciplina do currículo da extração* (2025), de Stephen J. Ball; *O corpo utópico, as heterotopias* (2013), de Michel Foucault; *Tornar-se negro* (2021), de Neusa Santos Souza; *Educação e Sociologia* (2010), de Émile Durkheim, entre outros. Trata-se de um artigo que, a partir dos referidos aportes teóricos, visa analisar o romance *Estela sem Deus* (2022) para identificar os elementos constitutivos da construção identitária e a subversão de *Estela*, personagem central do instrumento proposto para análise neste texto.

3. A construção identitária da personagem Estela

O romance contemporâneo *Estela sem Deus* (2022) permite adentrar à discussão sobre a marginalidade vivenciada pelas pessoas negras do nosso país, sobretudo, pelas mulheres negras, que, quase sempre, são mães *solae*. Em similitude com o panorama do Brasil real, a fabulação de Jeferson Tenório expõe a família nuclear mais comum da adolescente *Estela*, seu irmão, *Augusto*, e sua mãe solo, *Irene* (ou seja, uma família cuja responsável é uma mulher, inclusive a mais comum das composições familiares no Brasil, segundo o IBGE).¹ Além disso, destaca seus dilemas e os obstáculos enfrentados num contexto de ausências, desamparos do poder público e outras violências. Estas composições resultam dos efeitos dos processos comuns em sociedades que passam, ou passaram, por condições de esvaziamento das instituições democráticas, da profunda ansiedade que marcou o comportamento de contextos autoritários, fruto do que Bauman (2005) chama de “corrosão do caráter”, maculadora das “tomadas de decisões e dos projetos de vida de homens e mulheres na sociedade ocidental” (Bauman, 2005, p. 11).

A contemporaneidade do romance *Estela sem Deus* (2022) é textualmente materializada pela seguinte citação: “No dia que o Collor ganhou as eleições, todo mundo da vizinhança comemorou, dizendo que agora finalmente o Brasil ia pra frente” (Tenório, 2022, p. 106), revelando que o Brasil, ficcionalizado por Jeferson Tenório, era um país recém-saído de um regime de exceção. Esta nova forma de governo não conseguia superar a estrutura senhorial que, por séculos, o conduziu, buscando espelhar na figura do homem branco, jovem, heterossexual, filho das oligarquias agrárias nacionais, similar representação.

¹O Censo de 2022 apontou que em vinte anos (2020-2022) o percentual de famílias administradas somente por mulheres cresceu de 22,2% para 48,8%. Vide <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44960-censo-2022-pela-primeira-vez-menos-da-metade-das-familias-do-pais-sao-formadas-por-casais-com-filhos>. Por volta da década de 1990, contexto em que se passa a narrativa de Tenório, os índices e composições familiares são bem diferentes: 71% das famílias eram ditas administradas ao redor do casal heteronormativo, já 16% eram por famílias monoparentais (mães com filhos sem marido) e os 13% restantes tinham outros “arranjos” familiares. Entretanto, Goldani (2002), em seu artigo *Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção*, chama atenção para um dado importante: O IBGE usou, em 1996, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 1996), na qual o entrevistador perguntava “Quem era a pessoa de referência” na família ao invés de “Quem era o chefe”, como perguntado em PNADs anteriores. O fato é que em ambas questões, por um aspecto cultural e dentro dos modelos do *Welfare States* ou do “Estado de bem-estar social”, escamoteavam as individualidades, sobretudo da mulher esposa, sempre à sombra, mesmo que ausente, do marido.

O trecho acima exemplifica o modelo de governante que muitos viam como o herói necessário ao país que há pouco vivia sua redemocratização. Esta, porém, com vários vícios, fraturas e ranços da ditadura militar, que violentou direitos, omitiu assistência aos mais vulneráveis, restringiu o acesso à educação e a informações por mais de vinte anos.

A construção identitária de *Estela* se dá por meio de uma narração em primeira pessoa, favorecendo, assim, que esta personagem dialogue com outras vivências singulares à sua, nas quais as opressões sofridas podem se espelhar. Num recorte etário, demarcado no romance, que vai dos treze aos quinze anos, *Estela* compartilha com a pessoa leitora os seus pensamentos, as suas atitudes, as suas vivências e o grande sonho de tornar-se filósofa: “Disse à minha mãe que queria voltar a estudar para ser filósofa. Foi então que o Augusto teve mais um acesso de babaquice e disse que nunca ouviu falar de uma filósofa preta” (Tenório, 2022, p. 54).

No referido espaço cronológico, em que a personagem central narra a sua vida, é possível inferir a ausência de moradia, as constantes mudanças de endereço, a insalubridade, a precariedade material, as diversas violências sofridas e vivenciadas, a dor causada pelo racismo, o distanciamento compulsório da escola para ajudar a mãe doente nas faxinas nas casas das madames, a opressão religiosa, a misoginia, mas também a sua criticidade diante do contexto que está inserida e o porquê das adversidades que necessita enfrentar e, muitas vezes, se adequar. Contudo, todas essas adversidades e vulnerabilidades não lhe tiram a curiosidade de saber-se e pensar-se, menos ainda a consciência da desigualdade contra seu gênero e por conta dele. Este mundo em colapso não afasta o sonho de Estela ser uma filósofa. Afinal, no dizer de Ball (2025): “uma subjetividade (nunca) pode ser fomentada pela escola e pela escolarização, mas ocorreria em uma multiplicidade de locais nos quais habilidades e sensibilidades transponíveis poderiam ser desenvolvidas por educadores de diferentes tipos” (p. 8). Por outro lado, no dizer popular, ressaltar que “a vida ensina”. Foucault (2023) nos informa que “fazer desaparecer” certos lugares não põe fim aos gestos, aos seres, aos desejos. As “heterotopias” estão nos corpos, nos livros, nas artes, nos mais diversos discursos e resistem a toda tentativa de anulação. É o que também nos faz lembrar a narrativa de Tenório.

“Minha vó era muito pensativa, e devo dizer que foi nesse dia que eu achei que ela fosse filósofa” (Tenório, 2022, p. 12). Este exemplo subverte um pensamento comum sobre o roubo perpetrado em desfavor da mulher negra. Durante anos e no profundo processo colonizador de exploração, expropriação e medo, tentou-se subtrair dos corpos negros habilidades, competências, sensibilidades e saberes próprios e comuns ao seu existir, de suas mentes e, no caso contra as mulheres, estes sequestros e desqualificações foram (e são) ainda mais profundos e nocivos. A narrativa da personagem *Estela* coloca, justamente, esta expropriação e em questão a estrutura social e educativa, aqui pensando que o educar não está restrito às paredes da escola, cuja busca visa entender o gesto de educar longe do “dualismo cartesiano de humano e natureza” (Ball, 2025, p. 7), posto que os ambientes e as relações nestes/destes lugares são forjados para abrigar seus próprios construtores e habitantes, pois, como projeta Ball (2025) “não podemos aprender a entender os princípios da sustentabilidade se esquecermos que somos natureza. Devemos ‘des-dizer o homem e ‘renarrar’ e ressignificar a nós mesmos” (Ball, 2025).

O estudo da ficção centrada no gênero feminino cis cria possibilidades não só de compreender os modos como a educação e a literatura processam a construção identitária da mulher (negra, pobre, adolescente, favelada), como também de recompor, no caso específico do romance *Estela sem Deus* (2022), o auge das significativas mudanças econômicas, geopolíticas, socioculturais ocorridas no Brasil nos últimos anos da década de 1990.

Na composição da personagem central, *Estela*, estão em xeque os modelos e as instituições sociais (como a Família, a Igreja, o Estado, a Educação) que, na sociedade moderna, seriam modeladores, quando não equalizadores, do comportamento humano. A literatura e a educação podem exercer um papel reformador de um contexto “perdido” e, pela inventividade, recuperar e ajudar a explicar algumas lacunas e transformações da identidade, sempre precária e transitória, principalmente quando se aborda representações sobre o corpo negro.

Em seu estudo *Tornar-se negro* (2021), Neusa Santos Souza recorda que a “violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central” (p.25) quando se trata do corpo negro. Continua Souza (2021): “ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de incarnar o corpo e os ideais” (Souza, 2021, p. 25). “É com desprezo, vergonha ou hostilidade que os depoentes se referem ao ‘beijo grosso’ do negro; do ‘nariz chato e grosso’ do negro; ‘cabelo ruim’ do negro; do ‘bundão’ do negro; ‘primitivismo’ sexual do negro, e assim por diante” (Souza, 2021, p. 30). Tentam subtrair do corpo do negro todo e qualquer tipo de humanidade e reiterar a violência contra o corpo da mulher negra que é potencializada.

Segundo Bauman (2005), a questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades fundidas unicamente por ideias ou por variedade de princípios” (p. 19). O filósofo polonês ainda afirma que ao pensar a “identidade” é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões”, enfim, “a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado” (Bauman, 2005, p. 21).

Bauman (2005) afirma ainda que pela literatura é possível encontrar a capacidade de se movimentar com facilidade em vários e diferentes universos linguísticos, posto que nela “essa contínua transgressão de fronteiras lhes permitia espiar a inventividade e a engenhosidade humanas por trás das sólidas fachadas de credos aparentemente atemporais e intransponíveis, dando-lhes assim a coragem necessária para se incorporar intencionalmente à criação cultural” (Bauman, 2005, p. 20).

A inventividade descrita por Bauman é um recurso utilizado por Jeferson Tenório, em *Estela sem Deus* (2022), para que a pessoa leitora possa tomar ciência de outras condições de vida, crer em outras possibilidades, vislumbrar, pela produção literária, realidades que estão imersas na macroestrutura social. E, para tal, Tenório centraliza sua narrativa numa personagem que almeja ser filósofa, porque, além do gesto e da ação recorrentes de si pensar, sabe lidar com os absurdos que a vida lhe traz, pois “destinos únicos são sempre violentos” (Tenório, 2022, p. 75).

Embora seja uma narrativa produzida por um autor, do gênero masculino *cis*, vemos que Jeferson Tenório rasura o recorrente discurso machista da sociedade brasileira, cuja sustentação visa não só inviabilizar o comportamento da mulher, como subordiná-la e oprimi-la ao regime da estrutura de poder. São diversas as passagens e cenas nas quais este confronto é posto, como destacado neste exemplo:

Não demorou muito para que começássemos a ouvir a discussão entre os dois. Houve gritos e xingamentos. Dava para escutar Betão chamando a Conceição de vagabunda, e foi nesse momento que também ouvimos um barulho vindo de lá de dentro. (...) Então vimos a Conceição com fiozinhos de sangue descendo pelo rosto. Estava com a testa cortada. Conceição tentava fechar a porta dizendo que não tinha sido nada. (Tenório, 2022, p. 66)

A narrativa de Jeferson Tenório expõe situações terrivelmente comuns contra a mulher, no caso, as violências contumazes que vitimizam número expressivo de mulheres negras e pobres em todo o cenário brasileiro. Mas ainda veremos abandonos, estupros, humilhações, abortos,

controles, exposição das relações do corpo e da intimidade feminina. Enfim, uma série horrível das condutas oferecidas e assistidas tacitamente por parte da sociedade brasileira.

4. (Des)lugar e desejo da personagem Estela

Estela sem Deus (2022) traz, em sua representação discursiva, uma gama de ocorrências sabidas em várias situações e vivências da construção da identidade feminina, ao passo que também subverte os diversos contextos de horror, abandono e dor impetrados contra o feminino. Contrariamente, constrói em *Estela* uma performatividade que não paralisa, que não deixa de querer alcançar a formação de filósofa, entretanto, já apresentando uma personagem que opera uma subjetividade capaz de abraçar a resiliência, a compreensão de si e dos demais ao seu redor, uma personagem competente e sensível às condições necessárias para realizar seus anseios e vislumbrar o futuro. O colapso em que vive não é capaz de lhe remover o grande desejo. Tem-se uma narrativa que, apesar de não deixar de expor condições críticas da existência de uma família negra, pobre, favelada, não objetiva centrar-se na dor, nas perdas, ou nos conflitos. Há beleza, há sonho e um poder de transformação:

Pensei que, se um dia eu voltasse a Porto Alegre, poderia dizer isso tudo à minha mãe. Talvez ela precisasse saber disso também. Queria que tivesse o mesmo espanto que tive. Quando passei por Copacabana, olhei para o mar e pensei que não havia culpados, ou então todos eram culpados. Sofremos o que tínhamos de sofrer. Não precisávamos ter medo de mais nada. A tristeza nos absolveria de Deus. (Tenório, 2022, p. 181)

O grau de mobilidade, ou seja, a liberdade de escolher onde estar, é, segundo Zygmunt Bauman (2021), distintivo social na estratificada sociedade de consumo. Esta sociedade pós-moderna divide-se entre sujeitos de “classe alta” e sujeitos de “classe baixa”, diferindo-se porque aqueles podem deixar estes para trás, mas não o contrário: “Os que vivem no ‘alto’ estão satisfeitos de viajar pela vida segundo os desejos do seu coração, podendo escolher os seus destinos de acordo com as alegrias que oferecem. Os de ‘baixo’ volta e meia são expulsos do lugar em que gostariam de ficar” (Bauman, 2021, p. 95).

Alguns pressupostos do referido filósofo da *Modernidade líquida* podem ser ilustrados pelo romance *Estela sem Deus*. Cabe destacar que a mobilidade da personagem central, *Estela*, e que também nomeia o romance destacado para análise, é compulsória, uma vez que tal qual é ilustrado literariamente:

Se eles [os outros] não se retiram, o lugar muitas vezes é puxado como um tapete sob seus pés, de modo que é como se estivessem de qualquer forma se mudando. Se põem o pé na estrada, então seu destino o mais das vezes ficará na mão de outros; dificilmente será um destino agradável e o que parecer agradável não será por opção. Podem ocupar um lugar extremamente pouco atraente que abandonariam de bom grado – mas não têm nenhum outro lugar serão bem recebidos e autorizados a armar sua tenda. (Bauman, 2021, p. 95)

“O Rio me intimidava. O Rio era grande demais para mim” (Tenório, 2022, p. 77) descreve *Estela* em tom confessional, num relato narrado em primeira pessoa, no qual a pessoa leitora pode acompanhar o périplo de constantes mudanças de endereço na sua cidade natal, Porto Alegre, até deparar-se e espantar-se com a capital carioca. Como pontuou Bauman (2021), o lugar – de *Estela* e sua família, composta por sua mãe solo, *Irene*, e seu irmão, mais novo, *Augusto* – foi sempre puxado como um tapete, que sequer tinham, pois eram muitas as ausências:

minha mãe tinha recebido um dinheiro extra de uma das faxinas. Foi a vez em que ela comprou três chuletas e fritou uma por uma, numa espiriteira movida a álcool, já que em casa não havia fogão. O Augusto sempre passava perto e perguntava se já estava pronto, porque aquele cheiro de carne frita nos deixava bêbados de fome. (Tenório, 2022, p. 34)

Estela representa um mundo de violentações. Além da insegurança alimentar, *Estela* angustiava-se com o recorrente *deslugar* (“Na verdade, eu nunca tive um lugar para ir” – Tenório, 2022, p. 111) e a violência era ação corriqueira manifestada das mais diversas formas: na ausência paterna: “fiquei observando meu pai e, sinceramente, ele não me parecia uma pessoa ruim. A violência dele era a de ser omissivo, era nunca estar presente quando deveria estar” (Tenório, 2022, p. 43); nos comentários maternos imbuídos do discurso machista socialmente operante: “tá vendo, Estela, tá vendo o que dá não fechar as pernas” (Tenório, 2022, p. 55); no olhar discriminatório da sociedade racista: “demorei um tanto para entender que os meninos talvez não se aproximassem muito de mim por causa da minha cor preta e do meu cabelo crespo” (Tenório, 2022, p. 28); e no estupro sofrido por Irene: “O homem subiu em cima da minha mãe enquanto um fiozinho de sangue saía da cabeça dela. Minha mãe chorava de dor porque rapidamente o homem já estava dentro dela e imaginei que aquilo estava doendo. Então, eu fechei os olhos e chamei por Deus” (Tenório, 2022, p. 36).

A agressão sexual sofrida por Irene motivou mais uma mudança de endereço relatada por *Estela*: “Começamos a morar de favor na casa da Conceição, uma amiga de infância da nossa mãe. Tivemos que dividir um apartamento de quarto e sala com ela e os três filhos” (Tenório, 2022, p. 40). As adversidades advindas da superlotação fizeram com que Irene solicitasse à Jurema, madrinha de *Estela*, que recebesse os seus dois filhos por um espaço de tempo em sua casa, fato que deslocou *Estela* e Augusto de Porto Alegre para o Rio de Janeiro. Na cidade maravilhosa, os rebentos de Irene foram forçosamente direcionados a frequentar os cultos evangélicos apreciados fervorosamente por Jurema e ministrados pelo pastor Everaldo, que sentenciou à *Estela*: “Somos pobres, ele continuou, e a religião é a única virtude que temos” (Tenório, 2022, p. 115). É então que *Estela* depara-se com a violência institucional da igreja.

5. Estela sem Deus

O cerceamento do pensar das pessoas negras causado pela religião foi um dos temas que permeou os escritos de James Baldwin (2024) que, quando jovem, teve uma vida religiosa ativa numa igreja pentecostal, experiência que o fez entender que “essas virtudes pregadas, mas não praticadas, pelo mundo branco eram apenas mais um meio de manter os negros subjugados” (p. 31). A religião é entendida por Baldwin como instrumento de opressão e doutrinação:

Subir no púlpito era como subir no palco de um teatro; eu estava nos bastidores e sabia como a ilusão funcionava. Conhecia os outros pastores e conhecia a vida que levavam. (...) Eu sabia o que fazer em uma congregação até que entregassem o último centavo – o que não era muito difícil –, e sabia para onde ia o dinheiro da ‘obra do Senhor’. Sabia também que, se continuasse ali, em breve eu não teria respeito por mim mesmo. (Baldwin, 2024, pp. 44-45)

A similitude entre o relato professado por Baldwin (2024) “naquele verão no Harlem” (p. 25) e da protagonista *Estela*, estende-se para além da proximidade da idade de ambos – “Durante aquele verão em que completei catorze anos, passei por uma longa crise religiosa” (Baldwin, 2024, p. 25); “Faltavam poucos meses para eu fazer catorze anos e eu já sabia dizer não para algumas

coisas” (Tenório, 2022, p.31) – e se espraia para a efervescência hormonal típica da adolescência – “é melhor casar do que ficar queimando de desejo” (Baldwin, 2024, p. 27); “[...] o casamento ia ser bom pra mim, porque eu era uma neguinha muito bonita e que existe muito malandro mal-intencionado por aí” (Tenório, 2022, p. 129), bem como para a opressão sofrida e vivenciada – “Talvez todos estivéssemos – cafetões, prostitutas, delinquentes, membros da igreja e crianças – unidos pela natureza de nossa opressão, pelo conjunto específico e peculiar de riscos que precisávamos correr” (Baldwin, 2024, p. 47); “morar na Cohab era sempre presenciar a luta pela sobrevivência: gente reclamando da passagem de ônibus, do preço do pão e da falta de emprego” (Tenório, 2022, p. 64); o abandono escolar por conta da precariedade financeira familiar – “[...] os garotos abandonaram os estudos e foram trabalhar. Meu pai queria que eu fizesse o mesmo” (Baldwin, 2024, p. 28); “sua mãe me contou que nem você nem seu irmão estão indo mais à escola” (Tenório, 2022, p. 77) e a “descoberta” da religiosidade – “[...] muitos dos meus amigos se refugiaram no serviço militar, [...] Alguns fugiram para outros estados e cidades [...] Sem falar nos que se afundaram no vinho, no uísque ou na heroína, [...] E há ainda os que, como eu, fugiram para a igreja” (Baldwin, 2024, 29); “[...] fiz a promessa de que eu salvaria a todos da minha família. E a única forma de alcançar a salvação era me colocar ao lado de Jesus o mais rápido possível. Para tanto, passei a acompanhar minha madrinha em todas as idas à igreja” (Tenório, 2022, p. 88).

Tal qual Baldwin, a personagem *Estela* questiona os dogmas religiosos, ao se lembrar das muitas violências sofridas e por não ter sido amparada por Deus. Ter visto a mãe ficar em vigília com uma faca na mão durante todo o restante da noite em que foi estuprada fez *Estela* interrogar o poder divino: “Cada vez que eu pensava em pedir perdão a Deus, vinha a imagem da minha mãe sentada naquela cozinha segurando uma faca para nos proteger. Foi só mais adiante na vida que descobri que Deus também era a minha mãe segurando uma faca” (Tenório, 2022, p. 85).

A indagação sobre Deus era uma reflexão constante de *Estela*, inclusive, durante os cultos: “Todos ali de olhos fechados conversando com Ele. Eu também conversava, mas jamais ouvia sua voz. E depois me perguntei qual era a língua de Deus. Deus não tem idioma, respondeu o pastor Everaldo, certa vez, Deus fala uma língua sagrada que todos entendem” (Tenório, 2022, p. 89). Em alguns momentos, *Estela* titubeia: “Eu acho que não podemos viver sem Deus. Mas eu também acho que ele não pode viver sem a gente” (Tenório, 2022, p. 96). Pensar, questionar e sonhar são verbos regulares conjugados por *Estela*, que não se furtava de fazê-los mesmo diante do sofrimento que estas ações lhe causavam:

Eu gostava de dormir para poder sonhar. Nem sempre eu sonhava, mas sabia que, quando fechava os olhos, um mundo se apagava e a possibilidade de outro se abria. Às vezes, ao despertar, eu lamentava ter de regressar à realidade. Alguns sonhos são mais honestos que a vida. (Tenório, 2022, p. 35)

É possível inferir que no processo de construção identitária, *Estela* deseja a sua expansão e entende que o movimento de adequação esperado socialmente para o feminino – “ouvi a madrinha dizer que eu era uma moça muito boa, que gostava de ir à igreja, que eu não incomodava” (Tenório, 2022, p. 99) – não era a única possibilidade e o seu desejo era “ir além da fronteira que Deus havia posto em meu corpo” (Tenório, 2022, p. 153). De maneira intuitiva e subjetiva, *Estela* rememora: “Eu tinha pouca idade, mas já sabia que não queria ser apenas um corpo. Eu queria ser filósofa” (Tenório, 2022, p.157). A partir dos estudos da filósofa Judith Butler (2023), é possível encontrar entendimento para as mensagens emitidas pela personagem (*Estela*) e, conseqüentemente, pela narrativa de Tenório. Pode-se explicar parte da angústia de *Estela*, diante da representação social e

ideológica da igreja, ao destacar que a regulação política institucional visa “proteger” aqueles submetidos a uma estrutura e, para tal, usa recursos de controle, limitantes e proibitivos, objetivando, assim, a regulação dos sujeitos do feminismo e dos seus corpos (Butler, 2023; Ball, 2025).

A questão, aventada pela mencionada filósofa estadunidense, intenta que haja compreensão de que a categoria “mulheres”, a pessoa do feminismo, “é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca emancipação” (Butler, 2023, p. 20). Logo, subverter a identidade do que é preconizado como comportamento feminino só é possível se houver, primariamente, a subversão da identidade de mulher, ou seja, esta precisa libertar-se do referencial majoritariamente masculino que domina os discursos sociais. Submeter-se a determinação posta é, segundo Zygmunt Bauman (2005), buscar “pertencimento”, mas subverter ao regimento é “ter uma identidade”. “Em outras palavras, a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (Bauman, 2005, p. 17-18). Importante destacar que este pensador entende ambos os conceitos como negociáveis e revogáveis, sendo, portanto, cambiáveis durante o percurso da vida dos sujeitos.

6. Educação: substantivo feminino

A educação é o elemento propulsor e subversivo na vida da personagem *Estela*. “As coisas começaram a melhorar quando voltei a estudar”. “Agora a realidade me agradava mais que os sonhos”. “No início, eu não dizia nada durante as aulas, mas depois fui me sentindo mais à vontade para falar” (Tenório, 2022, p. 144). É possível inferir durante a leitura da narrativa que os livros sempre seduziram os olhos de *Estela*, fosse em Porto Alegre, quando os via nas estantes das casas que faxinava com sua mãe (*Irene*) – “O terceiro quarto era o escritório, onde havia papéis e uma estante com muitos livros. Pensei, para que uma pessoa precisaria de tantos livros, e também me deu uma vontade de perguntar ao seu Rodrigues se ele havia lido tudo aquilo” (Tenório, 2022, pp. 52-53) – ou no Rio de Janeiro, quando dirigia-se até à casa de *Dona Julieta*, vizinha da sua madrinha (*Jurema*), para receber o telefonema da sua mãe – a “Dona Julieta foi professora de português, e por isso tinha muitos livros em casa, a maioria guardada dentro de uma estante que parecia cristaleira. Estiquei meu pescoço para ver se conhecia algum. *Perto do coração selvagem*, eu li, na lombada” (Tenório, 2022, p. 82). Cabe destaque a escolha intertextual de Tenório sobre o título *Perto do coração selvagem* (2019), de Clarice Lispector, autora sabidamente disruptiva, que dedicou toda sua obra a libertação feminina e escreveu num contexto de uma sociedade patriarcal e opressora. A inserção/digressão proposta à pessoa leitora de *Estela sem Deus* (2022) permite refletir acerca de quantas autoras ou personagens serão necessárias para que as mulheres e tudo aquilo que orbita e/ou referenda o feminino conseguirão viver plenamente as suas identidades e escolhas, em particular das vivências que as mulheres negras, pobres, aquelas alheias aos padrões da reificação do corpo (apenas do corpo!) podem/poderão fazer de sua individualidade e vida.

Diante das inúmeras opressões, numa conversa com a madrinha (*Jurema*), *Estela* reforça a sua identidade: “Não tenho pressa, madrinha. Tenho necessidade” (Tenório, 2022, p. 149). O texto do autor gaúcho ratifica as perguntas “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” como questionava Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido* (Freire, 2024, pp. 42-43). A *pedagogia*

do oprimido é a pedagogia dos sujeitos empenhados na luta por sua libertação. Esta tem, inevitavelmente, nos próprios oprimidos os seus sujeitos, pois, nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos. O pensamento freiriano propõe que a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condição de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. A educação como prática da liberdade postula, necessariamente, uma pedagogia do oprimido, que é uma pedagogia dos sujeitos em processo permanente de libertação. A descoberta crítica exige o engajamento do sujeito na luta por sua libertação e, para tal, é necessário romper com o binarismo proposto pela narrativa historicamente opressora.

Consonante com a premissa de fazer uma revisão histórica e repensar as narrativas, especialmente as metanarrativas, que foram largamente utilizadas na era moderna para autorizar e legitimar o poder hegemônico de uma etnia perante outras, Michael Peters, em seu título *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença* (2007), destaca que, embora seja uma tendência recente, a crítica pós-estruturalista do sujeito permite reavaliar as tradições e viabilizar modelos de mudança de ação política. Por meio desta complexa rede de pensamento interdisciplinar, que corporifica diferentes formas de prática crítica, o pós-estruturalismo, os “outros” do sujeito ocidental hegemônico – mulheres, grupos étnicos, comunidades quilombolas, comunidade LGBTQIAPN+, entre outros – começaram a falar por si próprios e a reivindicar seu lugar como sujeitos históricos. A rejeição deste professor ao discurso único e totalitário não significa escamotear a historicidade, e, sim, buscar a compreensão do mundo histórico sem qualquer distorção mítica e destacar a necessidade das reivindicações e lutas pela identidade na era pós-colonial. Pensar o processo histórico que nos constitui e no qual estamos imersos é basilar para nossa permanente educação ao longo da vida, bem como para que não esqueçamos a relação dialética do processo educacional com a nossa sociedade, que foi legitimada/forjada por grandes narrativas discursivas e institucionais, objetivando, assim, instituir uma “voz” singular e um sujeito unificado.

“Acho que pensar nos salvava da vida” (Tenório, 2022, p. 76), disse *Estela*, ao olhar para seu irmão, *Augusto*, pensativo logo que chegaram à rodoviária do Rio de Janeiro. A mudança de cidade foi impactante na vida dos irmãos, que, até aquela ocasião, já tinham vivido em diversos espaços físicos, todos em Porto Alegre, acompanhados por sua mãe, *Irene*. Durante a viagem de ônibus, *Estela*, que amparava *Augusto* em seu ombro, descreve: “Olhei para ele e tive a sensação de que tanto ele quanto eu estávamos amadurecendo rápido demais. Acho que estávamos nos tornando filósofos” (Tenório, 2022, p. 69). *Estela* dava-se conta do amadurecimento precoce que ambos viviam e refletia sobre a alteração do rito de passagem da infância para a adolescência. A própria dialética, segundo Paulo Freire (2024), existencia o sujeito, pois, ao vivenciar o processo de “*existenciar*”, criticamente, as palavras do seu mundo, permitirá, na oportunidade devida, saber, poder e ter a bravura de dizer a sua palavra. É exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar na e sobre a realidade para transformá-la. Ao dizer a sua palavra, o indivíduo assume, conscientemente, sua essencial condição humana: ser sujeito da sua história.

Em seu título *Educação e Sociologia* (2011), Émile Durkheim corrobora da ideia do educador pernambucano, Paulo Freire, de que a transformação é o axioma fundamental da educação. Educar, segundo o filósofo/sociólogo francês, é o movimento constante de substituir o ser individualista e associal, que somos ao nascermos, por um ser inteiramente novo. A lente usada pelo filósofo para pensar a educação mirou a comunhão de ideias e os sentimentos coletivos que objetivavam tornar as pessoas mais conscientes. Por ser um instrumento social, capaz de amplificar e transformar

verdadeiramente o ser humano, a educação, de acordo com Durkheim, propicia a consciência reflexiva e busca preencher as lacunas de uma tradição obsoleta. Por isso, a observação histórica surge como indispensável, bem como o respeito do educador com os educandos.

7. Considerações finais

Ao colocar uma adolescente negra como centro da narrativa do romance *Estela sem Deus* (2022), Jeferson Tenório desestabiliza o discurso canônico e permite um debate sobre as opressões experimentadas pelo feminino *cis*, bem como, expande, genialmente, o horizonte das pessoas leitoras, pois ao delimitar apenas dois anos da adolescência da personagem, intenta mostrar o franco processo de construção identitária vivenciado, tendo, portanto, toda a vida pela frente para se pensar e repensar o já feito. De acordo com Bauman, “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (Bauman, 2005, p. 35); ou ainda saber que “O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (Butler, 2023, p. 18). Por outras palavras, a subversão pode operar pela vida afora da personagem, que, estando deslocada/marginalizada, causa incômodo, havendo, com isso, sempre alguma coisa por fazer, uma solução por ser buscada, uma resposta por ser indagada. A história da personagem *Estela*, ao chegarmos ao final da narrativa, continua em aberto, como outras histórias de mulheres negras e pobres, prospectando futuros, mesmo diante de incertezas, dos seus conflitos, dos dilemas alheios, das vulnerabilidades de uma identidade em franca construção (visto se tratar de uma adolescente).

Entretanto, mais cônica do mundo que lhe foi reservado a existir, *Estela* foi empreendida numa subjetivação que guarda características próprias, cuja formação deletou, ou deixou em suspenso, ou não oportunizou, a vivência de etapas significativas de seu desenvolvimento, forjando uma identidade que se estabeleceu, rápida e impiedosamente, pelas ausências e pela transitoriedade.

Referências

- Baldwin, J. (2024). *Da próxima vez, o fogo*. N. Rizzi (Trad.). Companhia das Letras.
- Ball, S. J. (2025). Sujeitos/disciplinas do currículo da extração. *Currículo sem fronteiras*, 25, 1-11. <http://www.curriculosemfronteiras.org>.
- Bauman, Z. (2021). *Globalização: as consequências humanas*. (M. Penchel, Trad.). Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. (C. A. Medeiros, Trad.). Zahar.
- Butler, J. (2023). *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira.
- Durkheim, E. (2011). *Educação e Sociologia*. (S. Matousek (Trad.). Vozes.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. (S. T. Muchail, Trad.). n-1 Edições.
- Freire, P. (2024). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Goldani, A. M. (2002). Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(1), 29-48. <https://rebep.org.br/revista/article/view/329>

Lispector, C. (2019). *Perto do coração selvagem*. Rocco.

Peters, M. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. (T. T. da Silva, Trad.). Autêntica.

Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Zahar.

Tenório, J. (2022). *Estela sem Deus*. Companhia das Letras.